

Foto: Arquivo Rejane Carneiro

PASSEATA DRAMÁTICA

Tablado no asfalto

Foto: Rejane Carneiro

Os artistas baianos mudaram a cena do centro da cidade, defendendo a cultura com muita cor e diversão

Tatiana Lima



A troca do tablado pelo asfalto, na Passeata Dramática do Via Bahia Festival, foi, mais que uma manifestação, uma diversão.

Principalmente para os vendedores e passantes do centro da cidade que, com a interrupção do trânsito, esperavam mais uma caminhada de candidatos ou um protesto de trabalhadores e abriam largo sorriso ao ver o colorido mundo dos artistas. No lugar do discurso inflamado, o convite ao público para ir ao teatro, ouvir música, entrar numa galeria, frequentar cinemas e ver a dança era lido pelos atores Marcelo Prado e Andréa Elia.

A dupla não esqueceu de dar o recado aos empresários privados e aos órgãos públicos para que financiem e apoiem os artistas. O cortejo dirigido por Paulo Dourado, com texto de Gleise Mendes, deixou o Campo Grande por volta das 17 horas, anteontem. O abre alas ficou a cargo da Escola de Circo Picolino. Artistas plásticos empunharam bandeiras coloridas, a garotada do Projeto Avé mostrou truques circenses, o Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS renovou seu alerta, enquanto dezenas de grupos teatrais profissionais, amadores, folclóricos etc., junto a produtores e técnicos, compunham a diversidade.

Se o palco era a avenida, porque não entrar na cena? Foi o que decidiu um senhor, que já parecia meio tonto e tentou rodopios com os dançarinos do grupo Mantra. Os Cereus formaram uma ala de bicicletas, onde a diretora Hebe Alves ensaiava uma pouco segura direção sobre duas rodas, ao contrário do que ocorre nos palcos. Três casamentos e nenhum

funeral, apesar da presença de padres, frades patifes e diabos. A noiva mais decidida grudou-se ao carro dos Calafajestes, desfalcados por Estêvão, delido na Delegacia de Mulheres.

O elenco de Merlin compôs outro carro alegórico. A batata esnobe de *Polvo Fum* contentou-se com a regionalização. Os novos do Casamento *Pequeno Burguês* tiveram carro decorado, com latas amarradas, como mandam os costumes. Mascaramos e o colono das indumentárias davam o ar de carnaval, bem ao gosto de Dionísio, enquanto no trio elétrico a tônica foi o som de sintetizadores de Cazuza. O grupo de Clécia Queiroz, as moças do Raio, Dina Brasil e Andréa Dalto.

Se revezaram no microfone Nilson Spencer, Wilson Melo e outros atores, com falas breves. A atriz Helena Inês lembrou o cineasta Glauber Rocha, na Praça Castro Alves, em frente ao cinema com o nome do diretor. O ator e novo proprietário do Teatro Gamboa, Perry Sales, registrou o protesto com o fechamento do Teatro Maria Bethânia, arracando os dois entusiasmos aplausos. A passeata subiu a Rua Chile ao som de uma bela interpretação da *Ave Maria*, por Andréa Dalto. Um momento emocionante como a chuva de papel picado, que em vários momentos caía dos escritórios. A chegada ao Pelourinho foi no ritmo dos labores da Escola de Música Didá. Aiá bumba-meu-boli caiu no samba-reggae.



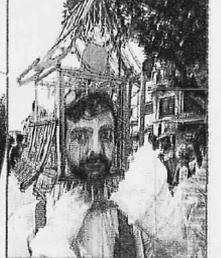
Centenas de personagens compuseram a passeata fazendo arte na avenida



Asfalto virou picadeiro



Avenida foi feudo do Rei Arthur



Tristeza só engaiolada



Clécia Queiroz fazendo tirirê sonora.



Hebe Alves de porta-estancante



Os calafajestes não perdem uma festa



Dayton Contemporary Dance Theater: recriações farrasas em Lyon

BIENAL DE LYON

Viagem pelo tempo

Um programa com algumas das mais significativas criações de coreógrafos afro-americanos fez a festa da noite de segunda-feira.

Gideon Rosa*



Journalistas de diários como Le Monde, Libération e New York Times não escondem sua curiosidade e ansiedade para ver o grupo Corpo (MG). Eles estão impressionados com as fotos das coreógrafas e querem assistir a tudo. Ontem pela manhã, o Corpo, numa entrevista coletiva, malou um pouco a curiosidade dos estrangeiros. O grupo dança hoje. Mas enquanto a cidade não se rende à companhia mineira, grupos americanos fazem a festa. Na segunda-feira, a Dayton Contemporary Dance Company, criada e dirigida por Jeradlyne Blunden, ganhou a simpatia do público ao apresentar recriações famosas, a exemplo de Rainbow Round My Shoulder, datada de 1959.

Criada por Donald McKayle, Rainbow... faz parte do repertório da DCDC (Dayton Contemporary Dance Company), desde que a companhia percebeu que algumas das grandes criações de coreógrafos afro-americanos estavam se perdendo. Há oito anos, a DCDC começou a juntar em seus programas recriações que são uma espécie de resgate da história do negro nos EUA. Rainbow Round My Shoulder conta, de modo emocionante, a trajetória de prisioneiros negros acorrentados, que são usados para trabalhar na construção de estradas. Enquanto trabalham, eles sonham com a mulher amada, a família e, óbvio, a liberdade. É uma narrativa dramática, conseguida através de uma movimentação tensa e grave. A clareza gestual faz uma espécie de glorificação da liberdade, ao mesmo tempo em que critica duramente a relação entre

os homens. Seis homens fortes se escorregam pelo palco em meio a imagens de sonho que jamais alcançam. No limite e na impossibilidade de realizarem seus sonhos, eles se atiram para a morte.

O espetáculo do DCDC, cujo programa incluiu mais três coreografias, poderia ser visto como uma espécie de sopro sobre a vida, um discurso sobre as relações humanas através do corpo. Tudo está lá, a dança, os casais, a noite, o silêncio, resultando num hino ao homem vivo — seus músculos, seu silêncio — através de um discurso que é ao mesmo tempo réquiem, missa e festa. É neste clima que entra *Vespera* (1986), um discurso emocionante sobre as lembranças que povoam a mente de um adulto quando ele se volta para sua infância.

E para provar que as relações na sociedade americana caminham inexoravelmente para uma solução multicultural, a DCDC retornou uma coreografia de 1980, elaborada por um coreógrafo branco, Doug Varone, que fez de Home uma espécie de master piece sobre as relações de um casal. É um duo minimalisticamente interpretado com maestria por dois dançarinos que executam cada movimento com uma força emocional quase incontrolável. O tema é quase banal: os desencontros de um casal. E os encontros também.

O programa se encerra com *The Stack-up*, uma peça de Talley Beatty, realizada em 1982. É a parte alegre do programa, um momento em que o ecletismo do DCDC vai na direção de Alvin Ailey. Mas não se engane: num cenário de cidade grande, cai a noite e vem a festa das discotecas. Nada especial até que os ambientes vão se sucedendo com a caracterização de todos aqueles tipos que povoam a noite de uma metrópole: travestis, bêbados, solitários, drogados, grupinhos de amigos, amantes. Eles querem festa.

Brasil na dança

Está confirmado: a Bienal da Dança de 96 será sobre a dança brasileira. Talvez a Argentina entre com um pouco de tango. No que concerne ao Brasil, que se preparem os grupos. Mas não haverá só dança de palco. Certamente, a dança popular, a dança das ruas do Carnaval, trios elétricos e escolas de samba terão lugar seguro.

*O jornalista Gideon Rosa viajou a Lyon a convite da produção do evento

LIVROS

LINDEMBERGUE CARDOSO



Em linguagem simples e bem-humorada, o maestro Lindembergue Cardoso escreveu um livro relatando histórias que envolvem seus amigos, durante sua trajetória de grande músico que não se furtava a conviver com o povo, retirando também de sua gente a inspiração. Agora "Causos de Música", de Lindembergue, é lançado, finalmente, depois de sua morte. Contando com o auxílio de sua viúva, D. Lucy, e de amigos,

além do patrocínio do Baneb, o livro — com sua linguagem saborosa — pode ser encontrado nas livrarias da cidade e na Barraca do Benê, na Pituba, reduto de Lindembergue e de seus amigos de "causos" (Cláudio Lobo).

ROMANCE



O público baiano tem um encontro marcado amanhã, às 18h30min, no Espaço Cultural da agência da Caixa Econômica Federal do Shopping Barra, com o es-

critor baiano Yvan Argolo. Ele vai estar autografando o seu mais novo romance, *Ave Caesar!* (Simone Fibero).

RELANÇAMENTO

O movimento cultural CEPA/Editoração relança amanhã, às 19 horas, no auditório do Instituto de Música da UCSal, o livro *Nordeste Bahia — Os Caminhos do Desenvolvimento*. O autor da obra é o jornalista, economista e professor universitário Armando Avena Filho (SR).

SOCIOLOGIA

Uma das obras mais importantes (e questionada) de sociologia do Brasil deste século *Casa Grande & Sen-*

zala do pernambucano Gilberto Freire, lançada nos anos 30, é revista pela ótica do também pernambucano, antropólogo Ricardo Benzaquena, no livro *Guerra e Paz: Casa Grande & Senzala* e *Obra de Gilberto Freire*. Benzaquena analisa o discurso enudido de Freire ainda em outros trabalhos "Sobrados e Mocombos" e "Açúcar". E menciona a visão idealizada por Freire, que valoriza as relações quase "fraternas" entre senhores e escravos, ou entre casagrande e senzala. A obra é da editora 33 e foi lançada no dia 13 deste mês, no Rio de Janeiro (Hamilton Vieira).

LANÇAMENTO

Em edição descontraída, foi lança-

do *E Brilhou o Sol a Dois de Julho*, de Paloma e Pedro Costa. Ela é filha do ilustre casal das letras baianas e universais, Jorge Amado e Zélia Gattai. Belamente ilustrado e em papel colorido, o livrinho, de maneira simples, narra o encontro e posterior união do casal de escritores (CL).



BASTIDORES

Pela Editora Levitá, o jornalista Simon Khoury lança a coleção de 150 entrevistas que realizou com atores e atrizes brasileiros que com-

põem os livros reunidos sob o título de *Bastidores*, que, ao todo, alcançarão 50 volumes. Nas livrarias, já podem ser encontrados os dois primeiros, compostos de entrevistas com Tônia Carrero, Henriqueta Briebe, Paulo Gracindo e Cláudio Correa e Castro. Irene Ravache, Marco Nanini e Armando Bógus completam a lista (SR).

MULHER

Uma visão mais ousada sobre a postura da mulher é o que coloca o livro *Tecendo por Trás dos Panos: A Mulher Brasileira nas Relações Familiares*, editora Rocco. A autora, doutora em psicologia pela PUC/RJ, Maria Lúcia Rocha-Coutinho, passa boa parte do livro discutindo bibliografia sobre o tema, mas no último capítulo apresenta resultados de entrevistas que podem deixar as feministas mais radicais de cabelo enpé (Tatiana Lima).